

vro/MEC que, +
consequente re

Letras da Província

CARTAS ANTIGAS, poema de José Coelho de Almeida. (Almeida Cousin). Gráfica Editora Itambé, Rio de Janeiro, 1977.

*A lâmpada de prata, imóvel, presa ao teto,
Derrama pela sala o seu fulgor discreto.
Acende um franzo luar nos livros das estantes,
E foge a se perder nos ângulos distantes.*

Ouro Preto, 1918.

(Dedicatória do Autor — «Aos confrades de «Letras da Província» que pertencem aos «raros» porque acreditam nos ideais da pena). Endereço de Almeida Cousin — Rua Jerônimo Monteiro, 216/208, Leblon, Rio de Janeiro).

Um fidalgo poeta

A. Isaias Ramires

Pouco se falou na imprensa capixaba sobre o novo livro de Elmo Elton — Poemas. Agora os pronunciamentos do Mestre Christiano Fraga e dos escritores Renato Pacheco e Hélio C. Teixeira, publicados em «A Gazeta», nada mais lemos a respeito deste feliz lançamento do renomado belettrista conterrâneo, incontestavelmente «um poeta impar na poética espírito-santense», como tão bem definiu Adelpho Monjardim.

Sobram razões ao autor de «Um Mergulho na Pré-História» para fazer esta afirmativa. Há muito. E é um nome admirado e respeitado «urbi et orbi», conforme comprovam as inúmeras referências feitas à sua fértil obra poética pelas vozes mais representativas da inteligência brasileira e estrangeira, tais como: Gustavo Barroso, Câmara Cascudo, Sá Nunes, Celso Vieira, Adelmar Tavares, A. Austregésilo, Leôncio Correia, Jorge Ramos, Levi Carneiro, Juana de Ibarbourou, Catulo Cearense e tantos mais.

Conservando-se fiel à poesia tradicional, Elmo, autor de poemas, sonetos, trovas e sextilhas, tudo fazendo com mestria e simplicidade,

escudado naquele velho conceito do saudoso Ciro Vieira da Cunha: «Poesia é beleza e graça na simplicidade». Embora afastado de seu berço natal há mais de vinte anos, dele não se esquece em suas reminiscências mais queridas, conforme nos dá testemunho nos poemas «No cais de Vitória» (pág. 19), «Os sinos de São Gonçalo» (pág. 29), «Lava-deiras da Fonte Grande» (pág. 35), «Do Mundo Todo» (pág. 37), «Praia da Costa» (pág. 42), «Poema ao verde mar de Vitória» (pág. 55), «Meu berço querido» (pág. 97), «No Convento da Penha» (pág. 100) e «Terra Azul» (pág. 102).

O poeta encerra o volume com uma série de sonetos, uns retirados de seu livro «Heráldicos», e outros, inéditos, todos, entretanto, dignos de figurar na mais seleta antologia.

Faço minhas as palavras de Oliveira Viana, ao apreciar a arte inimitável de tão culto e fidalgo sado: «Nesta época de futurismo e despautérios ininteligíveis, os seus versos, pela espontaneidade e fluência, pela inspiração e beleza, me encantaram sinceramente».

Rio, 1978.

Editora

15 — ABRIL — 1978

da na segunda parte a canção de Tupinambá, toda, integral, abemolada, a retinir floricura. O todo levava o nome de «Compadron» e cantava no estilo de «Boca»: — Compadron, companheiro de mi vida.

—Que fazer? dizia resignado à falta de uma policia no gênero—Cego e roubado!

Almas como a sua, feridas, torturadas, a ele se chegavam em busca de música para as suas dores em poemas, versos inspirados num encantamento perdido. Almas doídas como Paulo Gonçalves numa agonia secreta sem remissão. Dores suavissimamente musicadas que a voz do então muito moço Eurico Mendes, de há pouco extinto, interpretava com Marcelo ao piano em finos recitais de canto, no gênero. De uma, risonha, ainda estamos lembrados a melodia, e dos versos que diziam assim:

*Quando por mim passaste
pela primeira vez,
como eu sorrisse tu coraste. . .
O sol estava abrasador.
Eu disse então: . . . talvez,
Talvez fosse o calor.*

de uns poucos meses em São Paulo, onde colabora em *O Estado*, volta para o Rio, a fim de matricular-se na Politécnica. Com a República, é reintegrado no exército, chegando ao posto de 1º tenente. Casa-se em 1890 com Ana, filha do major Solon. Em 1897 vai até Canudos como correspondente de *O Estado* e como militar, já reformado nesse

1890 a 1.º lugar coube a FARIAS Brito e o 2.º a Euclides. Por interferência de Rio Branco, o presidente escolhe a este último para a vaga, valendo-se de uma permissão legal. Nem um mês depois, já acometido também pela tuberculose, morre assassinado, por causa da mulher, num subúrbio do Rio.

Euclides da Cunha, tido como um dos melhores escrito-